

**Aziz Nacib Ab'Saber –
Geógrafo Brasileiro***

*Aziz Nacib Ab'Saber-
Brazilian Geographer*

*Aziz Nacib Ab'Saber-
Geógrafo Brasileño*

**CARLOS AUGUSTO DE
FIGUEIREDO MONTEIRO**

Professor Titular
Departamento de Geografia - FFLCH - USP
Avenida Prof. Lineu Prestes, n. 338 - Butantã
Caixa Postal 2530 - CEP: 05.508-900
São Paulo-SP
casusto@uol.com.br

*Texto transcrito da conferência pronunciada pelo professor Carlos Augusto F. Monteiro, durante o XIV Encontro Nacional de Geógrafos e da 44ª Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), realizados em Rio Branco, Acre, de 16 a 21 de julho de 2006.

Resumo: O destemido geógrafo, professor e pesquisador Aziz Nacib Ab'Saber está entre nós nesse texto! Mas como nos diz o competente protagonista desse texto e compartilhador de rica convivência com nosso homenageado: é muito prazeroso e ao mesmo tempo difícil dar conta de todos os elementos da Geografia *aheriana*. Pesa os 60 anos de convivência, mas especialmente porque se trata de um *geógrafo completo*; não apenas um especialista em geomorfologia ou preferencialmente em Geografia física, mas sim um profissional dedicado à Geografia como um todo completamente unitário e que em mais de 250 textos pôde oferecer seus pensamentos. Da produção mais recente, publicada na Coleção Estudos Avançados, e Scientific American Brazil, o professor Aziz utiliza-se de toda uma bagagem teórica para exercitar conhecimentos e informações de experiências do passado (trabalhos de campo realizados nos anos 60 e 70), para refletir com muita maestria e domínio das técnicas e recursos do presente (imagens de satélite) temas polêmicos do presente, tais como transposição do São Francisco, aliás, nesse particular, não se acanha em destacar sua radical discordância, da mesma maneira em relação ao destrutivismo da Amazônia. Esse inteligente e destemido geógrafo, nos põe a pensar nesse início de Século XXI sobre algo que a maioria dos acadêmicos ainda preferem a distância: *"da coexistência da riqueza e pobreza surge uma responsabilidade aumentada para os intelectuais"*.

Palavras-chave: Natureza; Sociedade; Conhecimento geográfico; Geomorfologia.

Abstract: The intrepid geographer, teacher and researcher Aziz Nacib Ab'Saber is with us in this paper. Though, as the competent protagonist of the text argues: it is so nice and difficult to bear in mind all the elements of Abseriana Geography. 60 years of joint way are important, but especially because Aziz is a complete geographer, not only a specialist in geomorphology or in physical geography. A professional dedicated to the Geography as the quite completely unitary one. In more than 250 texts he can offer his thoughts. In his newer production, Aziz uses his theoretical path to practise knowledge and information of experiences of the past (fieldworks realized in the years of 1960 and 1970), to think, with great mastery and domain of the technologies and resources of the present (images satellite) current polemic, such topics as the transposition of the São Francisco, even he does not omit his radical disagreement. The intelligent and intrepid geographer invites us to think, in the beginning of 21st century, on something that the majority of the academicians still prefer distance: "from the coexistence of the poverty and from the wealth a increased responsibility for the intellectual ones arises".

Keywords: Nature, Society, Geographical knowledge, Geomorphology.

Resumen: El intrépido geógrafo, profesor e investigador Aziz Nacib Ab'Saber está entre nosotros en este texto. Aunque como nos dice el competente protagonista del texto y compañero de una rica convivencia con nuestro homenageado: es muy grato y al mismo tiempo difícil atender a todos los elementos de la Geografía *Aheriana*. Pesa los 60 años de convivencia, y especialmente, porque se trata de un geógrafo completo, no apenas un especialista en geomorfología o preferentemente en geografía física, y si un profesional dedicado a la Geografía como un todo completamente unitario y que en mas de 250 textos puede ofrecer sus pensamientos. En la producción más reciente, publicada en la Colección Estudios Avanzados y Scientific American Brazil, el profesor Aziz utiliza su trayectoria teórica para poner en ejercicio conocimientos e informaciones de experiencias del pasado (trabajos de campo realizados en los años de 1960 y 1970), para reflexionar con gran maestría y dominio de las técnicas y recursos del presente (imágenes satélite) temas polémicos del presente, tales como la transposición del São Francisco, incluso, no omite su radical discordancia. De la misma forma se opone as destructivismo del Amazonas. Este inteligente e intrépido geógrafo nos invita a pensar en este comienzo de siglo XXI sobre algo que la mayoría de los académicos aún prefieren distancia: "de la coexistencia de la pobreza y de la riqueza surge una responsabilidad aumentada para los

Meu duplo agradecimento aos organizadores desse evento, tanto pela oportunidade de vir ao estado do Acre e conhecer pelo menos Rio Branco sua capital, quanto pela missão em homenagear o grande geógrafo brasileiro Aziz Nacib Ab'Saber.

A evolução de nossa geografia nesta virada de século já permite que ao lado das pioneiras avaliações que dela possam ser feitas, também permita exaltar os nossos geógrafos.

Para mim, apesar da honra e do prazer em executar tal missão, esta é uma tarefa difícil. Em primeiro lugar, pela importância e vastidão da obra do mestre Ab'Saber, acrescida do incômodo que poderá advir da suspeita de que pertencendo à mesma geração de geógrafos brasileiros - aquela que partindo do meio século passado, deixou sua contribuição ao longo da segunda metade - sou, confessadamente, um grande admirador da sua obra e devo a ele um elevado tributo de gratidão por toda a atenção e amizade que ele me concedeu ao longo desses quase 60 anos de convivência na comunidade de geógrafos e, sobretudo, pelos 20 anos de incondicional e efetivo apoio que me dispensou na Universidade de São Paulo, tanto no Departamento de Geografia da FFLCH-USP quanto no hoje extinto Instituto de Geografia (IGEOP-USP).

Dizem que no foco da obra de uma figura exponencial da Cultura, seja nas Artes ou nas Ciências, é impossível dissociar a *obra* da *vida* do sujeito sob análise. Quanto à vida, nesses últimos anos, nos muitos eventos em que tem participado, cercado do carinho dos colegas acadêmicos mas sobretudo dos jovens iniciantes na ciência geográfica, o próprio Ab'Saber vem discorrendo sobre ela. E o faz de um modo muito sincero e comovedor, para deleite dos que o escutam.

Neste encontro vou limitar-me à apreciação de sua obra. Além do fato de que, pertencendo à mesma geração, sempre acompanhei a produção científica do nosso personagem. Além do que, recentemente - ao ensejo da preparação de uma obra em sua homenagem - tive ocasião de debruçar-me, mais uma vez, sobre a geografia absaberiana.

Principiarei focalizando os *nossos princípios*, no exato meado do século XX. Digo *nossos* porquanto somos membros de uma mesma geração. E eu, cuja dose de talento e timidez me levou a um *surgimento* posterior, pude testemunhar com admiração e respeito o brilhante surgimento de Aziz Ab'Saber na comunidade de geógrafos brasileiros.

Numa segunda parte procurarei abordar a copiosa e importante obra de nosso homenageado sob diferentes ângulos, analisando: a) volume e distribuição cronológica; b) configuração editorial; c) eleição temática. Procurarei extrair de um tão importante acervo o que de mais significativo aflora e se concretiza como contribuição da maior relevância à nossa geografia. Num outro passo, de caráter sintetizante, procurarei - se isto for possível - esboçar uma "periodização" ao longo de

uma carreira já consideravelmente longa e oferecendo à Geografia feita no Brasil um acervo de magno valor qualitativo.

O momento atual, de invejável e profícua atividade do mestre, também merecerá nossa atenção.

Meado do século XX, a nossa geração e os princípios da Geografia ciência

Sem nenhum demérito para as gerações anteriores da Geografia no Brasil - aquelas lideradas pelos Institutos Histórico-Geográficos e Sociedade Brasileira (e Estaduais) de Geografia - as Faculdades de Filosofia (USP e UB) fundadas em 1934-35 produziram, embora em número reduzido, uma geração de *geógrafos* tutelados pela Escola Francesa que, além de *descrever*, aprazia-se em *explicar*, *interpretar*, a realidade do espaço geográfico nacional. O IBGE - obra do Estado Novo de Vargas (1937) - concedia à pesquisa geográfica a missão de profícua auxiliar do poder público na gestão do Território Nacional. A Associação dos Geógrafos Brasileiros, a nossa AGB, principiava a congregar os geógrafos, tanto os gerados pelos cursos de Geografia e História nas Universidades recém-criadas, quanto aqueles das ciências afins (Geologia, História, Biologia etc.), para a produção de uma *Nova Geografia*. Era um movimento que, embora com número pequeno de adeptos, compensava em entusiasmo.

Conheci Aziz em reunião da AGB no Rio de Janeiro, em 1947, ano em que ingressei no Curso de Geografia e História da Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil (atual UFRJ), no qual fiz meu batismo de campo, numa longa excursão liderada pelo professor francês Francis Ruellan - professor da FNF da UB e Consultor Técnico do CNG-IBGE - durante os meses de julho e agosto. Após a *reativação* da AGB¹ e de suas assembléias em *julho*, a realização daquela excursão ao Planalto Central dificultava a realização do encontro, que foi então transferido para o final do ano².

A presença de Aziz sempre foi destacada, tanto pelo seu físico quanto especialmente pela vivacidade, inteligência na argumentação e veemência na defesa de seus pontos de vista. Desde então os *cariocas* foram conquistados pelo brilhantismo de Aziz.

Em prol de uma boa caracterização daquele importante momento na evolução da Geografia entre nós, é necessário introduzir um parêntesis. As relações entre os geógrafos de São Paulo e Rio de Janeiro era realizada sem qualquer resquício de *rivalidade bairrista*, pelos grupos da USP e da Divisão de Geografia do CNG-IBGE. A equipe da FNF-UB contava com o elo de ligação estabelecido pelo Professor Francis Ruellan, já que os docentes dali não efetivavam presença na

¹ Fundada em 1935 sob a égide de Pierre Deffontaines, a AGB enfrentara dificuldades no decênio 1935-1945, quando neste último ano foi reativada pela prática das Assembléias Anuais realizada na cidade de Lorena, Vale do Paraíba, Paulista.

² Devido a este deslocamento não houve assembléia em 1948, regularizando-se em 1949 na Assembléia de Goiânia.

AGB. Josué de Castro, um nome já internacionalizado pelo sucesso da *Geografia da Fome*, Victor Ribeiro Leuzinger, um renomado engenheiro, e até mesmo o jovem Hilgard O'Reilley Sternberg, recém doutorado em Baton Rouge, Lousiana-USA, não marcaram presença na AGB.

Em 1949 realizou-se, em julho, a assembléia da AGB em Goiânia. Lembro-me bem de que na ocasião as equipes da Divisão de Geografia do CNG - IBGE e da Geografia da FFLCH-USP voaram em aviões da FAB para a capital de Goiás. Nossa diligente colega Dora Romariz pleiteou e conseguiu, junto ao Brigadeiro Eduardo Gomes, o transporte nos aviões da FAB. Diferentemente de hoje, os participantes de uma reunião da AGB não chegavam a ultrapassar a lotação de dois pequenos transportes da FAB. Não participei daquele encontro mas soube da repercussão da atividade de Aziz, discutindo suas idéias com o colega geólogo Fernando Flávio Marques de Almeida, emérito cientista ainda hoje atuante.

A Assembléia Geral da AGB de 1950, realizada em Belo Horizonte, a primeira a qual eu compareci, iria ficar indelevelmente marcada em minha lembrança. Além de haver participado do grupo de pesquisa dirigido a Barão de Cocais, orientado pelo Professor Aroldo de Azevedo, e das sessões de trabalho realizadas no Brasil Palace Hotel, na Praça Sete de Setembro da capital mineira, ali tive o ensejo de admirar a desenvoltura de Aziz e a primeira aparição de Milton Santos, bacharel em Direito, então professor de Geografia no Ginásio de Ilhéus, que apresentou uma comunicação sobre a Cultura do Cacau no Sul da Bahia.

Aziz, desde o início de sua formação acadêmica em Geografia e História, revelou um grande talento, uma vocação especial para a Geografia, em termos de flagrante *precocidade*. Suas dificuldades de estudante pobre na capital paulista levaram-no a trabalhar desde cedo. Graças à sua inteligência, foi admitido como *auxiliar de laboratório* junto ao Departamento de Geologia da FFLCH-USP, cuja biblioteca forneceu à voracidade de saber de Aziz uma sólida fundamentação, que seria de capital importância para acurar sua percepção dos fatos e processos geomorfológicos.

Contudo, seus primeiros trabalhos já registram a vocação de geógrafo canalizada para uma visão *unitária* da Geografia. Seus primeiros estudos, publicados no início da carreira, deixam isto bem claro. E lembro que a data de *publicação* sofre sempre um retardamento quanto à *produção*; assim é que parte dos primeiros trabalhos publicados foi produzida quando ele ainda era estudante. Permito-me aqui me deter na apreciação de suas primeiras obras.

Se o seu primeiro artigo, publicado no Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (nº 10, ano XII, p. 15-25), *Notas sobre a Geomorfologia do Jaraguá*, indica sua eleição primordial aos estudos geomorfológicos, os outros que se lhe avizinham revelam pendores para uma análise geográfica mais abrangente. Ainda estudante, em companhia dos colegas Pasquale Petrone e Miguel Costa Junior, realiza durante as férias excursão ao estado de Goiás, da qual

AGB. Josué de Castro, um nome já internacionalizado pelo sucesso da *Geografia da Fome*, Victor Ribeiro Leuzinger, um renomado engenheiro, e até mesmo o jovem Hilgard O'Reilley Sternberg, recém doutorado em Baton Rouge, Lousiana-USA, não marcaram presença na AGB.

Em 1949 realizou-se, em julho, a assembléia da AGB em Goiânia. Lembro-me bem de que na ocasião as equipes da Divisão de Geografia do CNG - IBGE e da Geografia da FFLCH-USP voaram em aviões da FAB para a capital de Goiás. Nossa diligente colega Dora Romariz pleiteou e conseguiu, junto ao Brigadeiro Eduardo Gomes, o transporte nos aviões da FAB. Diferentemente de hoje, os participantes de uma reunião da AGB não chegavam a ultrapassar a lotação de dois pequenos transportes da FAB. Não participei daquele encontro mas soube da repercussão da atividade de Aziz, discutindo suas idéias com o colega geólogo Fernando Flávio Marques de Almeida, emérito cientista ainda hoje atuante.

A Assembléia Geral da AGB de 1950, realizada em Belo Horizonte, a primeira a qual eu compareci, iria ficar indelevelmente marcada em minha lembrança. Além de haver participado do grupo de pesquisa dirigido a Barão de Cocais, orientado pelo Professor Aroldo de Azevedo, e das sessões de trabalho realizadas no Brasil Palace Hotel, na Praça Sete de Setembro da capital mineira, ali tive o ensejo de admirar a desenvoltura de Aziz e a primeira aparição de Milton Santos, bacharel em Direito, então professor de Geografia no Ginásio de Ilhéus, que apresentou uma comunicação sobre a Cultura do Cacao no Sul da Bahia.

Aziz, desde o início de sua formação acadêmica em Geografia e História, revelou um grande talento, uma vocação especial para a Geografia, em termos de flagrante *precocidade*. Suas dificuldades de estudante pobre na capital paulista levaram-no a trabalhar desde cedo. Graças à sua inteligência, foi admitido como *auxiliar de laboratório* junto ao Departamento de Geologia da FFLCH-USP, cuja biblioteca forneceu à voracidade de saber de Aziz uma sólida fundamentação, que seria de capital importância para acurar sua percepção dos fatos e processos geomorfológicos.

Contudo, seus primeiros trabalhos já registram a vocação de geógrafo canalizada para uma visão *unitária* da Geografia. Seus primeiros estudos, publicados no início da carreira, deixam isto bem claro. E lembro que a data de *publicação* sofre sempre um retardamento quanto à *produção*; assim é que parte dos primeiros trabalhos publicados foi produzida quando ele ainda era estudante. Permito-me aqui me deter na apreciação de suas primeiras obras.

Se o seu primeiro artigo, publicado no Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (nº 10, ano XII, p. 15-25), *Notas sobre a Geomorfologia do Jaraguá*, indica sua eleição primordial aos estudos geomorfológicos, os outros que se lhe avizinham revelam pendores para uma análise geográfica mais abrangente. Ainda estudante, em companhia dos colegas Pasquale Petrone e Miguel Costa Junior, realiza durante as férias excursão ao estado de Goiás, da qual

resultaram alguns estudos. Aponto aqui o artigo publicado em parceria com o colega Miguel Costa Junior no Boletim Paulista de Geografia (nº 4, p. 03-36), *Contribuição ao Estudo do Sudoeste Goiano*.

Durante a realização da Assembléia Geral da AGB na cidade fluminense de Nova Friburgo (1951) os geógrafos tomaram conhecimento da instalação de um colégio modelo naquela cidade serrana, um dos notáveis refúgios salubres de altitude aos quais recorrem os habitantes do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense no período de forte calor. Lembro que foi cogitado, naquele momento, que Aziz fizesse uma temporada como professor daquele educandário (patrocinado pela Fundação Getúlio Vargas, se não me engano) para fazer frente aos problemas de saúde com os quais se defrontava. Ainda que benéfico à sua saúde, o afastamento de São Paulo não teria favorecido sua carreira. Dessa ocasião restou a publicação de um trabalho de Aziz, em companhia do carioca Antonio Teixeira Guerra, do IBGE, recém vindo de uma bolsa de estudos na França, *O Sítio do Colégio Nova Friburgo*, comunicação publicados nos ANAIS da AGB (vol. V, Tomo II, p.103-110).

Mas, no rol dos trabalhos iniciais de Aziz, encontra-se um que, além de testemunhar a *precocidade* do geógrafo no campo da geomorfologia, deixa claro o fato de que a sua maneira de pesquisar assinala um modo *seqüencial* de analisar problemas.

O artigo *Regiões de Circundesnudação pós-Cretácea no Planalto Brasileiro*, no número inaugural do Boletim Paulista de Geografia da Seccional Regional da AGB de São Paulo (1949, p.3-21), aborda uma das questões fundamentais para a compreensão da dinâmica dos processos geomorfológicos num momento geológico capital, em que a epirogênese pós-cretácea é o momento decisivo para a estruturação das grandes linhas de relevo brasileiro. Este tema, abordado em seu momento de *desabrochar*, merecerá a atenção do autor em outros desenvolvimentos subseqüentes, até que, de maneira circunstanciada e segura, reaparece dezesseis anos após em sua tese de Livre-Docência, no Departamento de Geografia da FFLCH-USP, em 1965. Esta importante contribuição rotulada *Da Participação das Depressões Periféricas na Compartimentação do Planalto Brasileiro*, ficou restrita à edição do autor, mimeografada; uma versão mais concisa apareceu em *Geomorfologia* nº 28 (1969).

A obra produzida segundo o volume quantitativo e distribuição cronológica

A contribuição de Ab'Saber à literatura geográfica brasileira é, além do maior valor, copiosa. Um levantamento feito para o período de 1948-1998 revela um total de 270 (duzentos e setenta) títulos. Se, num critério mais rigoroso, limitarmos-nos à computação do legitimamente ligado à temática geografia, separando levantamentos bibliográficos, resenhas, críticas, etc., atingimos um total de 240 (duzentos e quarenta).

Ao longo das cinco décadas que compõem a segunda metade do passado século vinte, pode-se apontar uma média de 53 trabalhos por decênio, o que equivale a uma produção média anual de 5 a 6 títulos. O decênio mais produtivo foi aquele dos anos 1960, que coincidem com a plena maturidade biológica, entre os 30 e 40 anos de idade. Curiosamente, a década seguinte, aquela de 1970, registra o mais baixo percentual, o que só pode ser vinculado às dificuldades políticas que afetaram a vida do País, em especial as universidades, graças ao período da intervenção militar. Creio que a vida universitária foi em geral fortemente afetada e a USP, como um dos centros culturais de excelência, não poderia escapar.

Ainda, os anos oitenta - em cujo início Ab'Saber registra sua aposentadoria da USP - revelam um crescimento notável, contrariando o que seria de esperar com o afastamento da USP e crescimento em idade. Assim, nos anos 1990 sua produção vai se aproximar do volume dos anos sessenta.

Convenhamos, contudo, que esta abordagem quantitativa pouco significa, a não ser quando comparada com as avaliações de produtividade das universidades, o que não é o presente caso. Mas, temos certeza de que a produção do geógrafo Ab'Saber se revela muito acima da média.

A configuração editorial

Uma das características mais peculiares da produção científica do geógrafo Ab'Saber é a ampla predominância de artigos sobre *livros*, considerando-se nessa segunda categoria os manuais, tratados ou grandes monografias.

Embora o surgimento de importantes *livros* esteja crescente e caracteristicamente configurando esta *fase atual*, a trajetória de Ab'Saber foi marcada pela produção de um elevado número de pesquisas objetivamente delimitadas. E, na minha interpretação pessoal, este fato está ligado a duas grandes razões.

Em primeiro lugar, creio que a postura de Ab'Saber como consciente cientista é de que a investigação é um processo contínuo, que mais vale ser seqüencialmente conduzido em bem elaboradas *etapas*, que forneçam maior segurança no conhecimento dos fenômenos estudados, do que atingir volumosas monografias inconsistentes. A comprovação disto, creio eu, pode ser notada no fato de Ab'Saber recorrer com freqüência em seus estudos aos rótulos de *primeiros estudos e notas prévias*. O exemplo que dei atrás sobre o caso do estudo das *desnudações periféricas no planalto brasileiro*, parece ilustrar bem esta postura.

Ao lado deste fato, penso que um outro, decisivo para entender esta opção, é o princípio de independência e caráter prático e antiburocrático de Ab'Saber. Está bem nítido no conjunto de sua obra que ele sempre inseriu grande parte de sua produção em pequenas publicações, editorialmente

simples ou despojadas de requintes gráficos, diretamente vinculadas às instituições às quais estava ligado.

A análise da configuração editorial revela que 42% de sua obra está inserida no domínio dos periódicos científicos, dentre os quais se destacam o Boletim Paulista de Geografia, da AGB de São Paulo, e a Revista Brasileira de Geografia, do CNG-IBGE do Rio de Janeiro.

Suas obras inseridas em coletâneas perfazem um conjunto de 24%, sendo as mais importantes os ANAIS da AGB e aquelas coletâneas produzidas pelo Departamento de Geografia da FFLCH-USP – usualmente sob a coordenação editorial de Aroldo de Azevedo –, sem esquecer sua colaboração à edição dos Livros Guia das excursões realizadas ao ensejo do Congresso Internacional de Geografia da UGI, em 1956. O anuário da Faculdade de Filosofia *Sedes Sapientia* da PUC de São Paulo contém um número considerável de artigos de Ab'Saber.

Mas a parte média, ou seja, 34% encontra-se naquela categoria dos *folhetos* aos quais ele sempre recorreu para divulgar seus trabalhos. Fundou a Notícia Geomorfológica nos seus tempos de colaboração com a Geografia na Universidade Católica de Campinas, na qual muitas idéias suas foram apresentadas à comunidade de geógrafos. Quando deixou aquela instituição o colega Antonio Christofolletti continuou sua publicação, embora sem o alcance científico da gestão Ab'Saber.

Em matéria de folhetos, avultam em importância aqueles lançados durante sua profícua gestão no Instituto de Geografia da USP, localizado no prédio de Geografia e História, criado como órgão concentrador dos laboratórios de pesquisa auxiliares do Departamento de Geografia da FFLCH. A partir de 1966, foram criadas várias séries daqueles folhetos: Geomorfologia, Climatologia, Métodos em Questão, Planejamento, Ciências da Terra, etc. Após sua aposentadoria da USP ele criaria novas séries de folhetos em São José do Rio Preto (UNESP), onde outras contribuições suas tiveram acolhida.

Eleição temática

O mais importante nessa avaliação da produção geográfica de Ab'Saber (Tabela 1) repousa na eleição temática, de onde se pode depreender o valor qualitativo de sua obra. Ao ousar fazê-lo aqui, nesta homenagem, espero ter a perspicácia e o discernimento necessário a esta tarefa.

Em primeiro lugar destacaria que a obra de Ab'Saber se abre sobre os mais variados aspectos da Geografia, o que faz dele não apenas um especialista em Geomorfologia, ou dirigido preferencialmente à Geografia Física, mas sim dedicado à Geografia como um todo completamente “unitário” e harmonioso. Isto, ressalto eu, faz dele um *geógrafo completo*.

Como praxe na atividade universitária, onde ensino e pesquisa se unificam como faces de uma mesma moeda, torna-se obrigatória a eleição de um *tema* para concentrar a investigação mais

sistemática. No caso de Aziz Ab'Saber isto se deu no campo da Geomorfologia, tema que representa cerca de 42% de seu conjunto de obra. Mas sua contribuição não se fecha neste horizonte. Ela se espalha por vários temas, incluindo, significativamente, aqueles ditos *humanos*. De tal modo é variado o espectro temático de Ab'Saber que, para a presente quantificação, usei a estratégia de incluir na avaliação apenas aqueles temas que se apresentam mais de dez vezes. Com esta medida posso propor o seguinte quadro dos sub-conjuntos mais expressivos:

Tabela 1- Produção científico-acadêmica do Professor Aziz Ab'Saber

| TEMÁTICA | ARTIGOS | |
|---------------------------------|------------|------------|
| | Nº | % |
| Geomorfologia | 83 | 42 |
| Domínios da Natureza | 31 | 15 |
| P. Ambientais | 27 | 12 |
| P. Regionais | 25 | 11 |
| Arqueologia – Paleogeografia | 15 | 6 |
| Histórico Ciências – Cientistas | 15 | 6 |
| Geologia | 12 | 4 |
| Geomorfologia de Sítios Urbanos | 10 | 4 |
| TOTAL | 218 | 100 |

Organização: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, 2006.

Segundo este critério ficam de fora do quadro temas importantes que mereceram a atenção do mestre, entre eles planejamento, problemas humanos de natureza urbana e rural e até mesmo paisagismo.

Para não alongar muito esta palestra, no que concerne à apreciação de sua temática, vou ater-me aos dois primeiros no arrolamento figurado no presente quadro, ou seja: Geomorfologia e Domínios da Natureza. Para comprovar que os temas ditos humanos ou sociais também estiveram sempre presentes nas preocupações e pesquisas de Ab'Saber, tomo a liberdade de escolher uma temática que me parece do mais alto interesse e, atualmente, um dos mais recorrentes nas geografias de diversos países, ou seja, a Geografia Urbana.

Toda a abordagem geomorfológica de Ab'Saber, assentada em uma base de conhecimentos geológicos muito sólida, é enriquecida por uma extraordinária capacidade de observação, aguçada pelo intenso trabalho direto no campo. Este penoso trabalho logo seria associado a uma ampliação pela técnica de análises de aerofotos, da qual foi um entusiasta (dotando o IGEOG-USP de um notável AFA - Arquivo de Fotos Aéreas do território brasileiro), como agora o é das imagens dos satélites.

Toda a observação sistemática e direta dos fatos analisados no Brasil foi sempre associada às idéias teóricas vigentes nas diferentes escolas geográficas: americana de W.M. Davis, francesa de De Martone, Cholley, Dresh, Tricart e Bertrand, inglesa de Lester King, alemã de K. Troll, e outros mais, consideradas, criticadas, e posteriormente expressas em sua própria terminologia.

Toda a evolução de suas observações e análises - pontuais, locais e regionais - convergiu para uma concepção teórico-metodológica que ele expressou no seguinte trinômio básico à análise geomorfológica: (a) compartimentação, (b) estrutura superficial da paisagem, (c) fisiologia da paisagem.

Tomadas em termos mais flexíveis e sem rigidez, a compartimentação do todo em partes não implica em rigidez taxonômica (como na tentativa frustrada de Bertrand) mas baseia-se nos tradicionais e flexíveis conceitos espaciais de *paisagens, regiões, domínios*.

A estrutura superficial da paisagem recorre à epiderme da superfície, onde - após os períodos geológicos de geração de rochas e linhas gerais do modelado - os períodos mais recentes deixaram estampados nas formações superficiais (incluindo os solos) evidências herdadas dos *processos morfogenéticos*, incluindo as ações *antropogênicas*.

A designação de *fisiologia da paisagem* é, nitidamente, um enriquecimento da proposta lablacheana de *fisionomia* da paisagem. Enquanto esta sugere uma apreciação superficial e descritiva da *face*, o termo que Ab'Saber empresta da Biologia encarece a importância da complexidade genética dos processos vigentes.

Tal proposta foi sendo elaborada ao longo de uma trajetória de efetiva pesquisa, onde as observações pessoais e aportes de outros pesquisadores foram enriquecendo a compreensão da realidade geográfica brasileira, muitas vezes projetadas ao espaço continental sul americano.

Mas onde poderá ser encontrada a *explicitação* dessa proposta? Poderão perguntar alguns ainda não habituados ao pensamento ab'saberiano. E eu ousaria indicar dois trabalhos onde esta proposição teórica está claramente explicitada. Em termos mais concisos temos o folheto Geomorfologia (18), rotulado *Um Conceito de Geomorfologia a Serviço das Pesquisas sobre o Quaternário* (1968). De modo mais amplo e entrosado à realidade geológica, encontramos no artigo "*Uma Revisão do Quaternário Paulista: do presente para o passado*", publicado na *Revista Brasileira de Geografia* (Ano XXXI, nº 4, p. 5-51, CNG-IBGE, Outubro/Dezembro, 1971). Três anos depois, com maior número de páginas e recursos de ilustração a proposta teórica está bem mais enriquecida e clara.

Por *Domínios de Natureza* englobam-se aqui os grandes quadros de organização natural que se expressam, sobretudo, pela cobertura vegetal. Sobre as formas do relevo (topografia) associadas aos solos e sob as condicionantes climáticas formam-se os grandes quadros de organização *natural*. Quando Ab'Saber utiliza os termos *domínios* ou *províncias* fica bem claro que se trata de uma adequação conceitual à análise geográfica de vez que a designação *regiões* seria inadequada, pois que, neste caso, seria obrigatório considerar a presença do homem. E uma das grandes qualidades de Ab'Saber é a precisão conceitual na Geografia.

Neste campo, um marco especial foi proposto com o artigo *Domínios Morfoclimáticos e Províncias Fitogeográficas no Brasil* publicado na revista *Orientação* (nº 3, IGEG-USP, 1967). Em apenas quatro páginas o autor sintetiza opiniões de geógrafos brasileiros e do exterior sobre os grandes quadros de vegetação observáveis no território brasileiro e apresenta sua proposta pessoal, esboçada em um cartograma extremamente simples e didático, onde o grau de generalização é admiravelmente adequado à *escala* adotada. Estão ali representados os *seis* domínios por ele identificados e em cuja espacialização (escala cartográfica adotada) os limites não são traçados por *linhas* mas sugeridos por *faixas*, melhor condizentes com a efetiva existência de *interfaces*. Estas não só exprimem a situação atual mas também as oscilações, interpenetrações causadas pelas flutuações climáticas neogênicas.

A qualidade desse cartograma, sobretudo sua clareza, tem revelado um grande sucesso, tendo sido reproduzido em livros didáticos de Geografia para o nível médio. É raro o ano em que ele não apareça - sem indicação de autor, como que apontando algo que caiu no domínio público - nas questões de Geografia dos exames vestibulares às universidades.

Na realidade esta proposta é síntese de abordagens anteriores (e posteriores) que Ab'Saber dedicou a cada um daqueles domínios. Três anos após a publicação do artigo em *Orientação*, Ab'Saber enriquece o tema ao acrescentar àquela configuração fitogeográfica o embasamento geológico. Junto com o artigo anterior e em sintonia de escalas cartográficas é apresentado o cartograma geológico e seu texto explicativo. Este trabalho, rotulado *Províncias Geológicas e Domínios Morfoclimáticos no Brasil*, constitui o folheto *Geomorfologia* nº 20 (São Paulo, IGEG-USP, 1970).

São várias as contribuições de Ab'Saber à temática dos domínios fitogeográficos, dirigidos aos diferentes domínios. E notável é a consideração de que a cobertura vegetal não pode ser dissociada da fauna, o que levou Ab'Saber a uma proveitosa aproximação e intercâmbio de idéias com o eminente zoólogo brasileiro Paulo Emílio Vanzolini. Desse diálogo resultou o interesse e atenção de Ab'Saber para a *Teoria dos Refúgios*, que se expressa sobretudo na parceria com o biólogo norte americano Keith S. Brown num artigo rotulado: *Ice-age forest refuges and evolutions in the neo-tropics: correlation to the pedological data with modern tropical endemism*, publicado em folheto da série *PALEOCLIMAS* (nº 5, IGEG-USP, 1979).

Além de sua acurada formação em Geologia - o que foi de grande valia para a vocação de geomorfólogo - Ab'Saber e os geógrafos paulistas de sua geração beneficiaram-se muito com os ensinamentos de Pierre Monbeig que, também ele um *geógrafo completo*, ministrou Geografia Humana, formando as primeiras levas de geógrafos da USP, inclusive os primeiros *doutores*, cujo pioneiro foi a saudosa colega Maria Conceição Vicente de Carvalho (1944). O Aziz, aluno de

Monbeig, não poderia deixar de cultivar os aspectos humanos, sócio-econômicos da Geografia, como bem ficou registrado na temática dos seus primeiros trabalhos.

Conforme proposição feita atrás, vou demonstrar esta sua familiaridade e ótimo trânsito na focalização dos fatos *humanos* através pelas abordagens do fato *urbano*. Nos seus primórdios, o jovem geógrafo paulista já abordava aspectos urbanos e rurais na região do *cotovelo* do Tietê, focalizados em Santa Isabel: *Paisagens e Problemas Rurais da Região de Santa Isabel* (Boletim Paulista de Geografia, nº 10, p.45-70, março de 1951), e *A cidade de Santa Isabel* (Paulistana, nº 44, p.44-47, março a maio de 1951).

Uma das primeiras capitais brasileiras a despertar a atenção do jovem Ab'Saber foi a cidade do Salvador, que mereceu um pequeno artigo rotulado *A Cidade de Salvador (Fotografias e Comentários)* (Boletim Paulista de Geografia, nº 11, AGB, 1952). Consta de duas páginas de texto acompanhadas por cerca de uma dúzia de fotografias, com extensas legendas explicativas.

O grande interesse que a Amazônia sempre despertou no geógrafo Ab'Saber fez a cidade de Manaus merecedora de um primoroso artigo: *A Cidade de Manaus: primeiros estudos* (Boletim Paulista de Geografia, nº 15, p.18-45, AGB, 1952). O artigo estrutura-se em sete capítulos, a saber: Manaus e sua posição geográfica na Amazônia; O Sítio e a Estrutura Urbana de Manaus; As origens do povoado do Lugar da Barra; O Crescimento da cidade de São José da Barra; Manaus e seu crescimento moderno; O Porto de Manaus; Paisagem Urbana de Manaus. A bibliografia revela, ao lado de autores brasileiros, uma larga consulta aos viajantes naturalistas estrangeiros que visitaram e publicaram informes sobre a capital amazonense. Quem desejar ter uma boa demonstração de um estudo de Geografia Urbana no meado do século passado, encontrará nesse trabalho do jovem Ab'Saber (28 anos) um primoroso exemplo.

Certamente a magna contribuição de Ab'Saber à Geografia Urbana no Brasil foi aquela que se configurou em sua Tese de Doutorado na USP: *Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo* (Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, nº 29, Geografia nº 12, USP, 1957). Pela datação das fotos que ilustram a tese pode-se estimar que a exaustiva pesquisa de campo foi conduzida entre 1949 e 1953. Embora naquele meado do século, já em acelerado crescimento, a capital paulista - hoje grande metrópole nacional - não atingia a atual complexidade megalopolitana, o que permitiu ao dedicado geógrafo uma abordagem que dificilmente poderia ser realizada nos dias de hoje.

Não se venha a pensar tratar-se apenas de análise geomorfológica que se atenha a um sítio urbano *de bacia sedimentar de formação recente, de origens fluvio-lacustres, localizadas em compartimentos especiais do planalto, resultante de complicações tectônicas e paleohidrográficas do fim do terciário*. Toda a análise geomorfológica (geoecológica) é intimamente relacionada ao

processo de urbanização, preocupando-se em apontar os acertos ou inadequações da edificação urbana aos atributos da paisagem natural.

A consideração do valor crescente e incontrolável do preço dos terrenos deixa perceber claramente casos em que um dado tipo de urbanização, adequada a um dado compartimento, é extravasado para outro compartimento contíguo mas de atributos bem diferentes, o que se torna problemático. A análise da evolução histórica está sintonizada ao crescimento da urbanização, tanto no traçado basilar das grandes artérias urbanas e na penetração da rede regional de transportes, dos antigos caminhos de mulas às ferrovias do café, como às rodovias de integração regional. É de admirar que a cidade tenha evoluído para a situação caótica da atualidade dispondo de um lastro de informações tão preciosas, como estas apresentadas pelo geógrafo que, em seu amor pela capital paulista, dedicou a ela não apenas esta *tese* mas vários enfoques.

A propósito de *geomorfologia de sítios urbanos* Ab'Saber, em seu programa de orientação à pós-graduandos, estabeleceu uma verdadeira linha de pesquisa, notadamente sobre o território paulista, com especial destaque para o Vale do Paraíba, como se pode constatar do significativo número de *notas prévias* apresentadas nos folhetos do IGEOG em sua série Geomorfologia.

Gostaria de destacar, nesta temática do *urbano* em nossa Geografia, um pequeno estudo de Ab'Saber que - comprovando, mais uma vez, o estatuto de *geógrafo completo* do mestre - focaliza *A Região de Jaú: problemas de urbanização em manchas de solos ricos* (Cadernos de Ciência da Terra, nº 15, IGEOG-USP, 1971). O município paulista de Jaú está localizado sobre um setor dos planaltos arenito-basálticos da porção centro ocidental do estado de São Paulo, coincidente com uma mancha de *terras roxas* associadas a um alinhamento descontínuo de basaltos, gerando ali uma paisagem cafeeira que, no passado, acolheu algumas das maiores fazendas dessa cultura. A alternância de manchas de terras férteis florestadas com outras arenosas, cobertas de cerrados ou pastos pobres, ocasionou um contrastante conjunto de paisagens agrárias. Naquele então (1971) Ab'Saber notara que o crescimento da cidade revelava que esta se expandindo sobre a mancha de terras férteis. Após apresentar uma série de fatos importantes sobre o caráter regional e o condicionamento urbano de Jaú, o autor arremata sua análise oferecendo seis tópicos de diretrizes básicas para o crescimento da cidade, planejando uma forma de não conflitar com o espaço agrário circundante.

Uma "travessia" muito bem sucedida

Designar um desempenho acadêmico como *carreira* tem a enorme desvantagem de associá-lo à pressa ou voracidade de proveitos. Parafraseando Guimarães Rosa prefiro utilizar a "travessia" para os casos de uma produção relevante, bem desenvolvida ao longo do tempo e, sobretudo, para os casos - como o de Ab'Saber - em que este processo não se encerrou e, ao que tudo indica e, com

a proteção divina, ainda vai se estender. Trata-se sem dúvida de uma geração de homens fortes, aquela dos luminares da Ciência da Terra no Século XX. O geólogo Fernando Flávio Marques de Almeida, já ultrapassou os noventa e continua produzindo. Ab'Saber continua a fazê-lo aos oitenta e, certamente, ainda vai brindar a Geografia Brasileira com novas contribuições.

Como o poeta Carlos Drumond de Andrade, um dos poetas brasileiros mais preocupados com o *mundo*, mas que deixou seu torrão natal apenas para visitar a filha em Buenos Aires, casada com um argentino, o geógrafo Aziz Ab'Saber, que saiu algumas vezes do Brasil, marcou sua enorme capacidade de viajar concentrando-se no território brasileiro, extravasando, algumas vezes, pela América do Sul.

Nativo do domínio dos mares de morros cobertos pela floresta atlântica, espalhou-se ele por todos os outros domínios da natureza brasileira, observando, refletindo, interpretando a complexidade geográfica registrada numa volumosa obra que espero tenha podido dar-lhes, nesta homenagem, pelo menos, uma aproximada idéia do seu imenso valor.

Não apenas o *core* econômico e a porção mais desenvolvida do nosso país mereceu sua atenção. Bem ao contrário, aquelas vastas *regiões problema* - Nordeste e Amazônia - mereceram dele uma atenção especial. Profundo conhecedor do Nordeste, domínio semi-árido da caatinga, não só revelou muitos traços de sua peculiaridade geográfica e dos seus problemas, onde aqueles sócio-econômicos sobrepõem os da relação homem-natureza. No momento presente o vemos, com a veemência que lhe é peculiar, atacar o insensato projeto da transposição das águas do São Francisco para o Nordeste Oriental. E a Amazônia o preocupa, tanto na produção de conhecimento, como na defesa desse incomparável domínio de biodiversidade.

Se intentarmos aqui proceder a um balanço do já longo processo *atravessado* por Ab'Saber no domínio da Geografia, no afã de sugerir uma *periodização*, isto não seria difícil no seu trecho inicial. Eu me atrevera a sugerir a identificação de um período inicial, aquele do *Jovem Aziz*, balizado entre 1948 - data de suas primeiras publicações e 1956-57. Neste biênio situa-se o momento da realização do Congresso Internacional de Geografia, promovido pela UGI na cidade do Rio de Janeiro, quando o jovem geógrafo de 32 anos se destacou brilhantemente por sua atuação, tanto nas reuniões do referido certame quanto nas excursões oferecidas aos visitantes, prestando valiosa contribuição à elaboração dos *guias*. Em 1957 obteve o grau de doutor na USP.

Toda a coluna vertebral da produção de Ab'Saber esteve ligada a Universidade de São Paulo. Como esta universidade foi a instituição de maior vivência em sua atividade, creio que o longo período de crescente e valiosa produção, refletindo a aliança entre sabedoria e maturidade, pode ser balizado até sua aposentadoria dessa instituição. Não só no ensino - graduação e pós-

graduação - mas sobretudo à frente do extinto Instituto de Geografia, sem esquecer contribuições paralelas a outras unidades da USP (a FAU, por exemplo).

Um período atual poderia ser indicado a partir de sua aposentadoria (1984). Mas há uma dificuldade. Já que a modo do *ciclo geográfico* de W.M. Davis estivemos falando em *juventude* e *maturidade*, não há como identificar *velhice*, muito menos *senilidade*. Ultrapassando a marca dos oitenta, Aziz Ab'Saber, muito longe de encontrar-se recolhido ao seio de sua família, curtindo os netos, continua em plena atividade, desafiando os inevitáveis desgastes orgânicos.

Tendo seu valor reconhecido não só pela comunidade de geógrafos brasileiros, como bem o demonstra a presente homenagem, não se limita a ela. Assim o demonstram sua presença na Academia Brasileira de Ciências e na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) da qual já foi um dos presidentes (1997-1999). A USP vem de conferir-lhe o mais do que merecido título de *Professor Emérito*. Embora aposentado, mantém-se ativo como Professor Honorário, junto ao Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP).

Sendo difícil focalizar toda a gama de atividades que mestre Ab'Saber desenvolve atualmente, incluindo uma constante presença em diferentes fóruns científicos, me permitiria focalizar aqui, nesta fase atual, duas atividades contrastantes mas muito significativas.

De um lado registramos uma importante tarefa de *divulgação científica*, na qual o grande geógrafo expõe elevada capacidade de comunicação com o público, divulgando com a maior propriedade temas relevantes na realidade geográfica brasileira. Isto pode ser constatado por sua colaboração na revista *Scientific American Brazil*, na seção rotulada *Observatório*. Desde o número inaugural (junho de 2002), com a publicação do artigo *Linguagem e Ambiente (os caprichos da natureza e a capacidade evocadora da terminologia científica)*, segue-se uma longa série de contribuições, das quais aponto algumas, para dar idéia da propriedade e oportunidade dos temas:

- Cerrados e Mandacarus (Área de Salto – Itú é área de referência para investigações envolvendo condições climáticas do passado). *Scientific American Brazil*, Ano 1, nº 4, setembro de 2002, São Paulo.
- A Rua Direita e o Rocio (Expressões guardam memória de antigos espaços urbanos abertos a tropas e montarias). *Scientific American Brazil*, Ano 1, nº 7, dezembro de 2002, São Paulo.
- Relictos, Redutos e Refúgios (Complexidade marca a trajetória de alguns termos e conceitos em ciências). *Scientific American Brazil*, Ano 2, nº 14, julho de 2003, São Paulo.
- Geopolítica de Mercado e Soja Transgênica (Medida provisória atendeu a interesses imediatos de proprietários rurais do Sul). *Scientific American Brazil*, Ano 2, nº 18, novembro de 2003, São Paulo.
- Palimpsestos Regionais (Cidades são o último episódio a mascarar inscrições de longos processos paleoclimáticos). *Scientific American Brazil*, Ano 2, nº 23, abril de 2003, São Paulo.
- O Legado de Jean Tricart (Pesquisador francês revoluciona ciências da terra no Brasil ao dar atenção à superfície). *Scientific American Brazil*, Ano 3, nº 32, janeiro de 2005, São Paulo.
- Etc.

Creio que esta amostra de meia dúzia de artigos dá uma idéia da versatilidade, atualidade e interesse da temática tratada pelo incansável geógrafo.

De caráter mais acadêmico, encontramos artigos publicados na Revista do Instituto de Estudos Avançados, alguns deles como retomadas ampliadas de temas focalizados anteriormente. Tal é o caso de *O Paleo Deserto de Xique-Xique* (vol. 20, nº 56, p. 301-310, janeiro-abril de 2006), no qual retoma um problema observado numa excursão, em 1958, agora favorecido pela observação de imagem de satélite, possibilitando nova visão do campo de dunas e compreensão dos atuais problemas do uso do solo naquele setor do vale do São Francisco. Ao mesmo tempo, ainda no âmbito dos Estudos Avançados (IEA-USP), compromete-se em ambiciosos projetos, como o FLORAM.

Em contraste com este vizez de jornalismo científico (divulgação) e artigos científicos (acadêmicos), um Ab'Saber que sempre privilegiou a publicação de artigos, primeiros estudos, notas prévias, etc., volta-se agora para aglutinar aquele parcelamento em conjuntos monográficos. Assim chegamos ao momento em que surgem livros, em geral grandes e bem editados, como o caso daqueles recém lançados sobre o litoral brasileiro e a cidade de São Paulo, com primorosas seleções fotográficas.

Temos informações de várias obras encaminhadas à editoração, com as seguintes rotulações: Mudanças Climáticas, Variações do Nível do Mar no Quaternário e Suas Implicações; A Amazônia Brasileira no Século XX; Megageomorfologia do Território Brasileiro; Bases para o Estudo dos Ecossistemas da Amazônia Brasileira; Roraima: os paradoxos de um grande incêndio ao fim do milênio; etc.

Se a crítica e a defesa do patrimônio geográfico de nosso País sempre foi uma das características de Ab'Saber, no momento presente ela está mais acentuada. E creio, vale a pena citar algumas amostras desse fato, recorrendo às próprias palavras do geógrafo a quem, neste momento, prestamos homenagem.

[...] Enquanto os políticos escolhem projetos entrelaçados com interesses de empresários, empreiteiros e banqueiros, os verdadeiros representantes da consciência crítica da nação ficam reduzidos a um silêncio constrangedor. Aqueles que isoladamente resistirem ou não concordarem com o direcionamento de algumas políticas públicas socialmente inoperantes serão considerados inimigos figadais dos governantes e partidos políticos. Espera-se que não seja (re)inventada a temática da subversividade (*Meditações sobre a Geografia Humana – Da coexistência da riqueza e pobreza, surge uma responsabilidade aumentada para intelectuais. Scientific American Brazil. Observatório, Janeiro de 2004.*)

Se aqui se percebe uma crítica direta ao projeto de transposição de águas do São Francisco para o sertão nordestino, sua indignação não é menor quando se trata da Amazônia. Naquela já referida série de artigos da Scientific American, Ab'Saber apresenta, em duas oportunidades, uma síntese muito clara das bases para o conhecimento da "maior e mais rica floresta tropical do

‘mundo, berço de riquezas incontáveis para a humanidade, que por sua biodiversidade, transformou-se num espaço de cobiça e crítica que fere a auto-estima dos que acreditam no Brasil’.

De um terceiro artigo, *O Futuro da Amazônia em Risco*. É preciso dar um basta à imprevidência com que a região e sua biodiversidade vêm sendo tratadas (Scientific American Brazil, julho 2004, p.98), extraio os seguintes trechos:

Para a infelicidade do destino da biodiversidade amazônica, o mais alto dignitário da nação, através de um ato falho verbal, acenou com uma liberação inoportuna para todos os especuladores devastadores. A frase dele foi ‘a Amazônia não pode ser intocável’. O problema é outro: em primeiro lugar, há que se saber como ela vem sendo ‘tocada’. E, ao mesmo tempo, realizar um esforço imenso para planejar um desenvolvimento econômico e social com o máximo de florestas em pé.

Em rápida síntese podem-se enumerar os seguintes ‘caminhos de devastação’: ao longo das rodovias construídas em rasgões no entremeio de tratos das selvas; ao longo de ramais perpendiculares às estradas e rodovias; em sub-ramais de acesso a glebas especulativas; quarteirões no interior das selvas para venda de lotes (modelo chamado popularmente de ‘espinhela de peixe’); grandes retângulos de devastação conectados às rodovias por linhões sob controle, pertencentes a ricos grupos de fazendeiros alienígenas.

E o fecho do artigo:

É lamentável que não se tenha consciência sobre os destinos da Amazônia. Cabe à nossa geração – ao início do século 21 – exigir um gerenciamento mais correto e inteligente para garantir a preservação das biodiversidades e a sobrevivência dos homens e da sociedade no grande Norte Brasileiro.

Eis aí a postura atual do nosso grande geógrafo, não apenas o explicador da realidade geográfica de nosso País mas um destemido defensor do seu patrimônio. Uma exemplar demonstração do que é a Geografia e do papel dos Geógrafos. Extremamente lúcido e ativo numa idade em que muitos que tiveram o privilégio de atingi-la, repousam tranquilamente.

Tenho testemunhado, nestes últimos anos, o respeito e o carinho com que o nosso notável geógrafo é recebido pelos jovens estudantes de Geografia. A AGB, neste momento do encontro em terras amazônicas do estado do Acre, vem apenas confirmar o desejo de toda uma comunidade científica em homenagear um de seus luminares. E espero que o meu relato esteja em sintonia com a obra e o valor pessoal do querido mestre.

Para os estudantes mais jovens, recém ingressos em nossa comunidade, que ainda não tiveram oportunidade de encontrar o mestre Ab’Saber, permito-me aqui a projetar no telão uma sua bem sucedida imagem fotográfica publicada na Folha de São Paulo, ao ensejo da cerimônia de entrega do prêmio Conrado Wessel (Ciência Aplicada ao Meio Ambiente), realizada na capital paulista, na Sala São Paulo, na noite de 12 de junho de 2006. Diante de sua imagem - um paliativo que não sana sua lamentada ausência aqui, neste momento, com uma salva de palmas, demonstremos ao Mestre Ab’Saber nossa gratidão e nosso carinho.